



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A CONTRIBUIÇÃO AFRICANA PARA A HISTÓRIA DA MODA NO BRASIL

The African Contribution to the History of Fashion in Brazil

Cruz, Cláudia da; Mestre; Fundação de Apoio à Escola Técnica-RJ (FAETEC),
claudiadacruz@yahoo.com.br¹

Resumo: o objetivo do presente trabalho, é apresentar uma pesquisa bibliográfica e iconográfica em andamento, com o intuito de contribuir com a produção de conteúdo para a disciplina História da Moda do Curso Técnico em Produção de Moda da Escola Técnica Estadual República, que pertence a Fundação das escolas Técnicas do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC/RJ). A pesquisa pretende identificar características do vestuário de negros escravizados e livres da segunda metade do século XVIII e ao longo do século XIX e a importância desses indivíduos no processo de produção e manutenção das roupas.

Palavras-chave: História da Moda; Moda Afro-brasileira; Produção de Moda

Abstract: the objective of this work is to present ongoing bibliographic and iconographic research, to contribute to the production of content for the discipline History of Fashion of the Curso Técnico em Produção de Moda of the Escola Técnica Estadual República, which belongs to the Fundação das Escolas Técnicas do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC/RJ). The research intends to identify characteristics of the clothing of enslaved and free blacks in the second half of the eighteenth century and throughout the nineteenth century and the importance of these individuals in the process of production and maintenance of clothes.

Keywords: History of Fashion; Afro-Brazilian Fashion; Fashion Production

¹ Mestre em Educação pela UFRJ, licenciatura plena em Pedagogia pela UFRJ, graduada em Tecnólogo em Designer de Moda pela Unicesumar, Especialista em Designer em Produto de Moda pelo SENAI CETIQT, atuando como orientadora educacional no Curso Técnico em Produção de Moda da FAETEC, com interesse em pesquisa voltado para as relações étnico-raciais e Educação Antirracista na formação dos futuros técnicos.



**20º COLÓQUIO
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Introdução

O artigo se propõe a apresentar uma pesquisa em andamento, que tem por principal objetivo contribuir com a produção de conteúdo para a disciplina História da Moda do Curso Técnico em Produção de Moda da Escola Técnica Estadual República, que pertence a Fundação das Escolas Técnicas do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC/RJ). Esta pesquisa é a continuidade de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida no biênio 2023/2024, junto aos docentes e discentes do curso. Tendo por objetivo elaborar um currículo decolonial e antirracista, a partir do levantamento de dados acerca das relações étnico-raciais no universo da moda, definindo temáticas que funcionem como temas transversais. O debate sobre questões raciais trouxe sentimento de impotência e tristeza nos alunos, mas também de empoderamento e autoestima e a necessidade de um espaço permanente de reflexão. O processo vivido pelos alunos, culminou em uma profusão de temas de cunho racial, na atividade de conclusão de curso que é o planejamento de uma coleção de moda. O tema O legado da Cultura Afro-brasileira na Moda, foi elencado por 72,7% dos discentes participantes da pesquisa e a docente da disciplina de História da Moda, expressou a necessidade em ministrar conteúdos decoloniais em sua disciplina, motivada pelos estudos desenvolvidos no Brasil nos últimos anos, principalmente para a história da moda no Brasil, que passa a considerar a contribuição e a influência de negros e indígenas, tal fato proporcionou a colaboração desta, com a presente pesquisa. Ao analisarmos previamente a proposta curricular do curso, podemos observar a ausência de conteúdos relacionados especificamente à História e Cultura da África ou dos povos originários do Brasil. E, portanto, percebemos a necessidade de inclusão desta temática, buscando ‘ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira’ (BRASIL/MEC, p.17). Mais do que atender ao que está previsto na legislação, Lei Nº10.639 de 09 de janeiro de 2003 que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e que foi modificada em 2008 pela lei Nº 11.645 de 10 de março de 2008, ampliando a obrigatoriedade ao ensino da história e cultura indígena, esta pauta



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

ultrapassa a questão legislativa e adentra os campos sociais, as relações da moda e a referida temática, pode suscitar muitos aspectos presentes no cotidiano dos alunos.

A pesquisa pretende identificar características do vestuário de negros escravizados e livres da segunda metade do século XVIII e ao longo do século XIX e a importância desses indivíduos no processo de produção e manutenção das roupas. Os objetivos da pesquisa poderão ser obtidos através do método qualitativo de coleta e análise de dados, que está concentrada em dois tipos diferentes de fontes: as iconográficas, as chamadas *cartes de visite*, fotografias feitas em estúdio, por fotógrafos profissionais, bastante popular entre viajantes estrangeiros, ‘exportadas para a Europa, como símbolo do exotismo da população brasileira.’ (MAIA, 2022, p.214), e constituíam um processo de produção de conhecimento colonial, com o propósito de representar determinados grupos humanos (CARDIM, 2023, p. 10); e a coleção de aquarelas de autoria do Capitão de Mineiros da Artilharia da Corte Portuguesa, Carlos Julião, intitulada *Riscos Iluminados de Figurinos de Brancos e Negros dos Uzos do Rio de Janeiro e Serro Frio*, e as fontes documentais, compostas de anúncios em jornais sobre negros, em particular aqueles que descrevem escravos em fuga, trazendo por vezes detalhes da vestimenta, livros, artigos e documentos como os Anais do Museu Histórico Nacional. O uso de fontes iconográficas e escritas, permitem identificar elementos em comum, como por exemplo, um padrão de estampa descrita em um anúncio de jornal, que se repete nas fotografias e aquarelas (MAIA, 2022). VIOTTI (2019), apresenta dois aspectos importantes e contrastantes acerca da vestimenta de negros escravizados e livres nas últimas décadas do séc. XVIII e ao longo do século XIX. Enquanto muitas famílias ricas consideravam sinal de riqueza e prosperidade adornar seus escravos com roupas luxuosas e joias, em muitos contextos esses mesmos escravos trajavam trapos, que mal cobriam suas partes íntimas. Já, MONTELEONE (2022), em sua obra intitulada ‘O Circuito das Roupas’, dedica um capítulo a importância das mulheres negras, escravizadas e livres, nos cuidados, reparos e manutenção das roupas. A seguir serão apresentadas algumas reflexões e análises em material iconográfico, uma *carte de visite*. E no material bibliográfico, as pesquisas de VIOTTI e MONTELEONE. Com o prosseguimento da pesquisa, todas as fontes mencionadas anteriormente, serão analisadas. Para a análise iconográfica das fotos e ilustrações, os estudos de VIDAL (2015), trazem uma vasta pesquisa das raízes africanas na cultura brasileira, através da arte e sua influência na moda e no design afro-brasileiros.



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

As Cartes de Visite

Em meados do século XIX, a fotografia surge como uma técnica capaz de representar a realidade com incrível precisão. Uma prática altamente difundida no Brasil, foram as chamadas *cartes de visite*, fotografias feitas em estúdios profissionais, comandados quase sempre por fotógrafos brancos europeus. Interessa para a presente pesquisa nos concentrarmos nas cartes de visite que representavam pessoas negras, escravizadas ou não e possuíam grande aceitação na Europa, onde eram comercializadas como souvenirs que ‘serviam para reforçar preconceitos raciais e perpetuar as estruturas de poder coloniais.’ (PUCARELLI; SOARES, 2024 p.). Em sua pesquisa, CARDIM (2023), realiza uma investigação da circulação e consumo dessa produção fotográfica, como estratégia de elaboração de conteúdo colonial, sobre africanos e afro-brasileiros, bem como como forma de controle sobre corpos negros. As fotos produzidas, eram encenadas de acordo com os objetivos do fotógrafo, ‘As poses e o enquadramento reforçam a noção de que suas aparências foram manipuladas e expostas para satisfazer uma visão estereotipada, refletindo a objetificação e o controle impostos pelo regime colonialista da época.’ (PUCARELLI; SOARES, 2024 p.145). Tendo isso em vista,

Convém observar que, apesar do potencial informativo das imagens, elas demandam uma análise cuidadosa e sem premissas de neutralidade. No caso dos retratos em questão, ao estudá-los, leva-se em consideração dados relacionados ao contexto de sua produção, autoria e circulação. Considerar esses aspectos torna claro o fato de que as narrativas visuais não são, de nenhuma forma, isentas de influência da lógica colonial. (MAIA, 2022. P. 213-214)

Apesar das motivações questionáveis por trás dessas imagens, considero seu uso válido para analisar as roupas das mulheres retratadas, pois em muitos casos elas eram vestidas com trajes, que faziam menção à ancestralidade africana. Selecionei uma imagem de mulher negra, procurando identificar elementos que demonstrem a influência nos modos de vestir dos brasileiros, presentes na moda brasileira até os dias atuais. A figura 1 mostra a foto de uma mulher negra e foi feita no estúdio do fotógrafo Alberto Henschel em 1869 na Bahia. Não há identificação da



20º COLÓQUIO DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

retratada, como era muito comum nesse tipo de produção. As cartes de visites eram vendidas e colecionadas, como quaisquer outros objetos, sem preocupação com as identidades das pessoas ali representadas.

Figura 1- mulher negra da Bahia- Acervo do Instituto Moreira Sales



Fotografia de Alberto Henschel. Bahia, 1869 com ampliação de detalhes do turbante, da gola e manga da blusa e da mão esquerda com pulseiras, com a saia estampada de fundo

Fonte:LEIBNIZ-INSTITUT FÜR LÄNDERKUNDE, 2025



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A fotografia acima, representa uma mulher negra, sentada, com o cotovelo direito apoiado em um móvel, vale ressaltar que, diferente de muitas pessoas que posaram para as cartes de visite e evitavam olhar para a câmera, por vontade própria ou orientação do fotógrafo, ela olha para a câmera, seu olhar parece trazer sofrimento, mas também dignidade. Ela usa um turbante com um detalhe que parece um bordado ou fita aplicada e o tecido apresenta texturas distintas acima e abaixo do bordado. A blusa é feita com uma renda delicada e deixa parte do colo à mostra. A saia é bastante franzida, como é possível observar na linha da cintura. O tecido apresenta uma estampa geométrica, provavelmente colorida, o que é possível inferir pelas diferentes tonalidades em branco e cinza da foto em preto e branco. No pulso esquerdo no detalhe da foto, pulseiras feitas de contas. Essa foto ilustra o que seria um traje típico da mulher negra escravizada ou livre e segundo VIDAL (2015), constitui o que seria a ‘a primeira criação de indumentária genuinamente brasileira (p.44). Com destaque para a mistura de referências da indumentária de diferentes povos, como o uso do turbante de origem afro-islâmica, usado para proteger a cabeça dos fenômenos naturais como o excesso de sol, do peso de diferentes objetos, bem como para proteção ligada às crenças religiosas, as saias muito rodadas de origem europeia, as batas de rendas e com bordados, hoje símbolo do estilo boho, presença constante nas últimas semanas de moda. Além disso, decotes com o colo mais a mostra, foi adotado nos trópicos, por mulheres de diferentes etnias e classes sociais, mais adequados do que as golas altas, tão presentes na moda europeia que exercia grande influência na moda brasileira durante o período colonial e imperial da nossa história. É importante relacionar essas referências, aos dias atuais, desmistificando a ideia de que tudo que se relaciona à influência indígena e africana não faz parte da moda propriamente dita, fica no campo da indumentária, como algo estático, que não evolui com o tempo.

A esse respeito, pode-se citar a noção de indumentária *tradicional*, que denota algo que não muda com as dinâmicas sociais e temporais. A noção de *autenticidade*, que remonta à ideia de isolamento cultural e não reconhece os próprios trânsitos culturais da colonialidade; e a noção de *ancestralidade*, que remete à ideia de que as cosmovisões que influenciam as práticas e vestuário desses povos as tornam historicamente desconectadas. (MAIA, 2022. P. 210-211)



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Com o avanço da pesquisa, outras imagens serão analisadas, buscando diversificar os elementos identificados.

O vestir de homens e mulheres escravizados ou livres

D João V, no final dos anos 40 do século XVIII, proibiu o uso de artigos de luxo, por parte de criados e escravos, abrangendo também os negros libertos. Era costume que famílias ricas, adornassem seus cativos domésticos, como sinal de prosperidade. Mandatários da Bahia, denunciavam que os excessos nos trajes das escravas, provocavam a dissolução de muitas famílias, pois vários homens trocavam suas mulheres por elas (VIOTTI, 2019). A situação dos escravizados no Brasil, durante os séculos XVIII e XIX, não se apresentava de forma homogênea, havia diferenças significativas entre o meio urbano e o meio rural, o que leva ao seguinte questionamento: ‘...as condições de vida encontravam-se nitidamente impressas nas roupas?’ (VIOTTI, 2019.p.39). Pesquisas demonstram que cativos domésticos, de famílias ricas, geralmente possuíam melhores condições de vida, em comparação aos que viviam em outro contexto. Era comum que as posses de um indivíduo, fossem medidas pela riqueza que ele conseguisse ostentar. Ela transparecia, inclusive na maneira de trajar seus escravos, principalmente as mulheres, que trabalhavam na casa grande, muitas serviam de dama de companhia para as moças da família. Usavam roupas de luxo e joias em quantidade, existem vários relatos de viajantes que narram diversas ocasiões de ostentação de senhores através de seus cativos. Uma situação comumente presenciada por esses viajantes, eram escravizados ricamente vestidos, mas com os pés descalços, caracterizando sua situação de cativo. Segundo VIDAL (2015), assim que conseguiam sua liberdade, os ex-escravos providenciavam calçados, proibidos para eles, até então, ‘Por isso, em geral, escolhiam pares bem coloridos e chamativos’ (p.49). Alguns viajantes, como James Hardy Vaux, trazem relatos pormenorizados da maneira de vestir dos negros na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XIX, ‘’ Os homens em geral, vestem uma jaqueta de tecido grosseiro e calças, as mulheres, um tipo de vestido em tecido azul’’. Frisando o asseio das negras, ele recorda que sua’’ roupa branca[...] é impecavelmente branca, de textura fina e confeccionada com muito gosto, com mangas e o peitilho adornado com trabalhos de agulha.’’ (VAUX APUD VIOTTI, 2019, p. 45). A descrição de Vaux traz uma



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

série de elementos, dos quais podemos inferir, o uso de tecidos como algodão da roupa dos homens, bem como processos de tingimento, da cor azul, por exemplo. Além disso parece haver por parte das mulheres, conhecimentos de como fazer o tecido branco não amarelar e mostra habilidade de costura e bordado, ao usar a expressão ‘trabalho de agulha’. A dificuldade em diferenciar negros livres e foros, suscitou as proibições do uso de vestimentas luxuosas e joias, mesmo entre os negros e negras livres, com o intuito de manter as diferenças de condição. No cenário rural, a situação era completamente diferente. Havia uma certa resistência em vestir os cativos, de forma adequada, o mesmo quadro se repetia nas regiões de mineração. Esses senhores eram comumente condenados pela igreja, por não vestirem seus escravos de maneira decente e se por um lado vestir com luxo incorria no pecado da luxúria, deixar que seus escravos andem praticamente desnudos, incorre em desonra. Aspectos apresentados no presente tópico, nos remetem a reflexão das diferentes maneiras, como se davam a relação da vestimenta de pessoas negras, cativas ou livres, com o restante dos indivíduos que formavam a sociedade brasileira, principalmente durante o final do período colonial e todo o período imperial.

Entre tecidos, linhas e agulhas

Segundo MONTELEONE (2022), na primeira metade do século XIX, carregamentos de tecido de tecidos chegavam da Europa e de algumas colônias como a Índia, a diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil. Tal fato foi fundamental, para espalhar modas, ideias e mercadorias. Diante desse cenário, ter habilidade para costurar, tornou-se importante e no Brasil que ainda possuía uma sociedade escravocrata, a procura por mulheres escravizadas que soubessem costurar, aumentou significativamente.

O mundo das costuras, era repleto de escravas, mucamas que ajudavam as senhoras a se trocarem e a cuidarem das roupas. Ter habilidade como costureira era tão desejável quanto ser uma excelente cozinheira e os jornais estavam repletos de anúncios procurando escravas costureiras. Baronesas e mucamas que faziam parte do mesmo mundo, no qual a escravidão se integrava às novidades do capitalismo. (MONTELEONE, 2022, p.12)

. As que acompanhavam as senhoras e realizavam tarefas como amarrar os sapatos e colocar as joias, também se encarregavam das roupas, inclusive as roupas de baixo e precisavam saber lidar com tecidos delicados, como as



20^º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

rendas, A habilidade em costura para fazer bainhas, pregar botões e realizar pequenos reparos era essencial. As chamadas negras de ganho, que eram mulheres escravizadas que trabalhavam e pagavam uma espécie de diária para seus senhores, exerciam funções relacionadas aos cuidados com as roupas, incluindo costurar e bordar. Mulheres negras livres também exerciam essas atividades e após a abolição, lavar, passar e costurar foram possibilidade de trabalho para muitos ex-escravos, não só mulheres, mas homens também. Defendo a tese, de que a relação do trabalho manual, do próprio conceito de trabalho que perdurou na nossa cultura, por conta de séculos de escravidão, contribuiu para a desvalorização dos profissionais que atuam na ponta do mercado de moda. Com o crescimento desse mercado, o surgimento das grandes marcas e dos grandes costureiros, desse de Charles Worth, ‘quem costura as minhas roupas?’ ‘passou a ser uma questão irrelevante O movimento Fashion Revolution, presente em quase todo mundo, que defende a sustentabilidade na Moda, traz esse tipo de questionamento, dando visibilidade a todos que participam da produção do vestuário . A partir dos estudos de MONTELEONE, é possível dar visibilidade à importância das pessoas negras escravizadas ou não, no processo de criação de uma moda brasileira, a partir de conhecimentos transmitidos por gerações. Com todos os produtos lançados, pelo mercado voltado para o cuidado com as roupas, segundo D Elza, minha mãe, mulher preta que aprendeu a lavar roupa ainda menina, ‘nada funciona melhor para deixar uma roupa branca e cheirosa do que quilar a roupa no sol!’

Considerações Finais

Os dados levantados e reflexões apresentadas no presente trabalho, mostrou que os materiais analisados possuem grande potencial, para o alcance dos objetivos propostos. Através da observação e análise das, cartes de visite, é possível identificar elementos que corroboram às contribuições africanas para a História da moda no Brasil. Além de propiciar um maior entendimento das condições de vida dos negros escravizados e livres. A pesquisa bibliográfica trouxe vários elementos importantes, que permitem o levantamento de várias hipóteses, que vamos tentar responder com o aprofundamento da pesquisa, como identificar quais conhecimentos acerca do uso, confecção e cuidados com as roupas foram trazidos pelos homens e mulheres que atravessaram o oceano Atlântico para serem escravizados no Brasil? Ainda temos uma trajetória grande a percorrer, imagens, textos e outros documentos que possam surgir ao longo da



20º COLÓQUIO
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

pesquisa. Os dados levantados serão organizados e inseridos na proposta curricular do curso, garantindo um diálogo com as práticas pedagógicas e as relações dos alunos com as atividades propostas.

Referências

CARDIM, Monica. **Retratos Transatlânticos: A diáspora africana na fotografia de Alberto Henshel** 2023. 212f. Tese (Doutorado em Estética e História da Arte) - Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

MAIA, Alliny. Notas sobre História da Moda e da Indumentária no Brasil e possíveis aproximações com perspectivas decoloniais. **Dobras- revista da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda**, [S.l.], n.34, p.200-224, 2022 Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1483>. Acesso em 20 de junho de 2025

MONTELEONE, Joana. **O circuito das roupas: A corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840-1889)**, 1. Ed- São Paulo: Alameda, 2022

PUCARELLI, Michele; SOARES, Mariane Camargo, Cartes de Visite e a representação visual do negro no século XIX. **Cambiassu Estudos em Comunicação**.v.19, p.137-153, Jul/Dez, 2024 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/24975>. Acesso em: 28 de agosto de 2025

VIDAL, Julia. **O Africano que existe em nós brasileiros: moda e design afro-brasileiros**.1 ed.rev-Rio de Janeiro: Babilônia Editorial: Fundação Biblioteca Nacional,2015

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **Pano, Pau e Pão: Escravos no Brasil Colônia**, São Paulo: Unifesp, 2019